

FUNDAÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE OLINDA - FUNESO

UNIÃO DE ESCOLAS SUPERIORES DA FUNESO - UNESF

CENTRO DAS LICENCIATURAS

LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ROMAN RUIZ MARANHÃO

LIÊDO MARANHÃO: O Multiartista

Olinda

2016

ROMAN RUIZ MARANHÃO

LIÊDO MARANHÃO: O Multiartista

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma continuidade do Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História, da Faculdade Funeso.

Orientador: Prof. Jorge Michilis

Olinda

2016

Ao ilustre Professor Dr. Marcos Galindo pelo apoio na finalização do curso, foi quem me motivou a voltar a estudar e o apoio dos amigos da UFPE.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e a Olinda Santa Trindade da minha constante devoção
Dedico este esforço+

-Isso escrevi em 1936. Depois, a morte levou-me o Pai, mas não impedirá que persista em mim, sempre maior, o culto à sua memória. Desde então, atordoado, neste meu desviver vejo meu Pai, nítido.

Ouçó-lhe os dictames rectos e relembro seus gestos e seu affecto, que ainda me trazem incentivo.

E nunca, como hoje, o senti tão perto de mim... Abranda minha saudade cruciante esta devoção que me acompanhará, para junto dele quando o último dia me vier. Assim, continua a santa trindade colhendo sempre meus carinhos maiores. Cabral. Professor cathedrático de Physica biologica da Faculdade de Medicina (Univ. Porto Alegre) (CABRAL, 1951, p.07)

À Ynglid Fragoso pela sua colaboração.

Chegando ao término deste importante curso agradeço aos mestres, colegas, e todos que comigo colaboraram na minha formação, a de educar.

Aproveito também para apresentar meu adeus, minha saudade, aos que caminharam lado a lado comigo na estrada difícil que trilhamos para chegarmos ao final deste curso.

RESUMO

Mostrar a fundamental contribuição do multiartista. Neste trabalho foi pesquisada a vida do pernambucano Liêdo Maranhão de Souza. Onde será apresentada a evolução artística e literária por ele atingida: da literatura popular a memória. Será marcada pela dedicação e nos sorrisos que aos 88 anos tornava-o um apaixonado pelo povo, pelo mercado de São José tão bem trabalhado e inspirado em seus livros e crônicas. Liêdo multiartista não serão mencionadas só o lado conhecido mas também a filosofia, experiências de viagem e a fala do povão. São depoimentos alguns livros escritos por ele mesmo a partir de experiências de vida vividas ao longo dos seus 88 anos bem vividos, viajando por vários países, misturando culturas, isto nos traz enriquecimento cultural a interação de culturas diferentes. Depois de uma Europa, saída de uma guerra, a viagem na época em auto-stop+com mochila, tocando pandeiro, estudante, sem ganhar nada só pelo prazer de mostrar a cultura. Isto é muito avanço para um período tão difícil quanto foi a reconstrução da Europa. Como ele mesmo dizia %peguei o limão e fiz uma limonada+, concluiu Liêdo.

Palavras-chave: Cultura popular. Folclore. Coleção

ABSTRACT

It shows the fundamental contribution of the multi-artist Liêdo Maranhão de Souza. His life was studied, pointing the artistic and literary evolution performed by him: from the popular literature to memory that is remembered for dedication and enthusiasm that made him even with 88 years a lover of the people, of São Jose Market, which was very well described in his books and chronics. It will not be mentioned only the famous aspects of the artist but also the ideals, travels experiences and the common popular speech. It will be presented statements written by himself from life experiences during his 88 years, traveling through several countries, mixing cultures, bringing cultural gaining. Liedo, the artist, faced a after wall Europe, doing a travel with a bag, a tambourine, as a student, without earning anything, just for the pleasure of showing a different culture. This was an advance in those times of reconstruction of the European continent. As he said: %took the lemmon and made a lemonade+.

Keywords: Popular Culture. Folklore. Collection.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	HISTÓRIA DE VIDA	11
3	ARTISTA POR ACASO	16
4	MEMÓRIA DE FERRO: EXPOSIÇÃO FERRO NUNCA É VELHO	18
5	LIÊDO: O FOLHETO POPULAR	20
6	MEDICINA POPULAR, A EXPOSIÇÃO.....	23
7	O ESCRIBA POPULAR	25
8	COM ELE VAI PARTE DA MEMÓRIA POPULAR DO RECIFE	29
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS	34
	ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso vem mostrar a fundamental contribuição do dentista-escritor-escultor-colecionador-fotógrafo e pesquisador Liêdo Maranhão para a arte e a cultura popular nordestina através da sua obra e do seu acervo e tem como objetivo divulgar e enaltecer a trajetória de vida do Multiartista.

Recifense da gema, do bairro de São José, mostrando as várias possibilidades de pesquisa, lugar este que o próprio Liêdo batizou de Casa da memória Popular. Referência para acadêmicos, estudantes, cineastas, educadores, antropólogos e outros. O espaço é uma riquíssima fonte de pesquisa.

Quarenta anos de pesquisa com uma obra de treze livros publicados. Todos os livros tratam das coisas do povo, culinária, poesia, literatura um dos maiores folcloristas de Pernambuco. Com 24 cadernos diários escritos totalizando quatro mil páginas.

Em seus estudos sobre literatura popular , escreveu especificamente sobre a poesia popular dois livros: *O Folheto Popular Sua Capa e Seus Ilustradores* editado pela editora Massangana em 1981, um livro indispensável para o estudo da poesia popular nordestina.

Classificação Popular da Literatura de Cordel teve apresentação de Ariano Suassuna que escreveu; %Repito o meu testemunho: Sem a dedicação e o trabalho incansável de Liêdo Maranhão nada disso tinha sido possível.+ Depoimento esse dado a (pág.11). Daí a credibilidade de Liêdo Maranhão não só como folclorista, mais também como escritor. Pois é como o próprio Liêdo se dizia: %Escriba do Povo+. Comentava ele: %O povo é muito bom+. O livro que foi o resultado das pesquisas de Liêdo nas praças e mercados de cidades do Maranhão à Bahia, foi elogiado pela crítica especializada e por intelectuais como Carlos Drummond de Andrade e Raymond Cantel.

O Escultor . Recolhendo troncos de coqueiros em Olinda (1965) e em Recife e depois dobradiças e ferros velhos realizou esculturas em madeira e ferro. Estas que

lhe renderam exposições e prêmios, seu trabalho o "Fóssil" (obra premiada) escultura esta que se encontra no Museu do estado de Pernambuco.

O Colecionador . Além de seus diários, suas esculturas, Liêdo possui uma coleção de 4.000 folhetos de cordel, correspondências de poetas, fotos, xilogravuras, fotos de poetas, recordatórios, santinhos, entre outros materiais.

O Fotógrafo - São 2124 fotos catalogadas em um projeto aprovado no Funcultura PE (Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura) edital 2013/2014, intitulado Liêdo, fotógrafo do povo, e seu acervo que também se encontra catalogados (Catálogo Casa da Memória Popular) projeto aprovado no 3º Edital do Programa Petrobrás Cultural (2005/2006) com iniciativa de criar instrumentos de acesso ao povo.

Criar, disponibilizar material teórico para consulta, disponibilizar material para consulta, por parte de professores e estudantes na área de literatura. Promover e resgatar a cultura, o interesse do povo pela literatura de cordel como forma de expressão legítima do povo nordestino.

2 HISTÓRIA DE VIDA

Liêdo Maranhão de Souza nasceu na Rua de São João, esquina com a Rua do Alecrim, nº 340 em três de julho de 1925 em Recife estado de Pernambuco. Quarto filho do casal Joviniano Balbino de Souza e Ruth Maranhão de Souza. Estudou no colégio Porto Carreiro . Recife e em outros colégios da capital, formou-se pela Faculdade de Medicina do Recife como Cirurgião-dentista em 21 de março de 1952.

No início dos anos 50 viajou para Europa onde permaneceu por três anos após casar-se com Bernarda Ruiz Maranhão, retornou ao Brasil e fixou residência em Olinda, na Rua João Ribeiro, nº 834, Bairro Novo. Falecido em 14 de maio de 2014, deixou como legado um raríssimo acervo histórico, artístico e cultural, catalogado num espaço em Olinda/PE, chamado Casa da Memória Popular.

Dentista de formação estagiou em hospitais de alguns países da Europa onde em Madri, conheceu Bernarda Ruiz, com quem se casou e teve dois filhos.

Sempre gostou de livros, iniciou seu interesse por livros na biblioteca de seu avô materno Methodio Maranhão. Como tinha muitos livros e sobrinhos sempre os convidava para a manutenção dos mesmos. A biblioteca avaliada em 17.000 exemplares após sua morte foi doada para a Faculdade de Filosofia do Recife.

Methodio Romano de Albuquerque Maranhão (1864-1951), jurista, político, professor catedrático, historiador, nasceu no dia 09 de março de 1864, no engenho Gutubinha (pertencente, naquela época, a N. S. do Ó município de Goiana) filho de Luiz de Andrade de Albuquerque Maranhão e D. Ana Joaquina de Albuquerque Maranhão. Ingressou na Faculdade de Direito do Recife aos 18 anos, recebendo em 1886, o grau de bacharel. Methodio Maranhão teve uma ativa vida intelectual participando de diversos movimentos. Foi pioneiro no estudo do Esperanto, dedicou-se também à pesquisa histórica, sua grande paixão. Desenvolveu essa atividade no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, onde ingressou como sócio em 1907 chegando a ocupar, em 1942, o cargo de presidente. Acompanhou a tendência política da família, cujos líderes mais expressivos eram os primos Pedro

Velho (RN) Augusto Severo (RN) e Alberto Maranhão (RN), exerceu o mandato de Prefeito Municipal de Goiana no período de 1907 a 1910. Faleceu no dia 10 de junho de 1951.

Methodio além de avô de Liêdo também era proprietário juntamente com seu irmão José Maranhão da Usina Matary, local onde Liêdo viveu boa parte da sua infância fazendo ~~mol~~moléculas com seu irmão Joviniano (Nem).

A Usina, local onde Liêdo também já exercitava seu lado libidinoso. Na apresentação do livro intitulado *Memórias de um Sacanólogo*, livro onde extrairemos parte da infância e adolescência contadas pelo próprio Liêdo, um desses capítulos será transcrito na íntegra, de tão boa que é a leitura. O arquiteto Abel Accioly (2001, p.4) na apresentação do livro escreve sobre o folclorista: ~~Recifense~~Recifense da gema, nascido no Recife e criado num ~~majestoso~~majestoso casarão do bairro de São José. Criado em completa liberdade, moleque de rua respirando o ~~pr~~prazer de ser livre.

Escrito pelo próprio Liêdo (2011, p. 26-27) o capítulo ~~O~~O Doce Lar, Liêdo escreve:

Nasci na rua São João, esquina com a rua do Alecrim, nº 340. Hoje a casa é um estacionamento de automóvel defronte do camelódromo. A Rua do Alecrim, desapareceu. Demolida pelas picaretas do ~~pro~~progresso para a construção da Avenida Dantas Barreto.

Um majestoso casarão, de cinco janelas na fachada com grande área verde: pés de mamão, banana, abacate, azeitona, goiaba, pinha e um parreiral de uva preta. O jardim era a menina dos olhos de mamãe. Com dalias vermelhas, dalias brancas, bem-casadas, borboletas, crótons, cravos de defunto, cristais de galo, colônias, cravinas e espinhadeiras.

Plantas ornamentais que caíram de moda. No casarão viviam meus pais, três irmãs, um irmão, Velha e eu. Meu pai o velho Joviniano, ex-seminarista, ajudante de guarda livros do escritório da Usina Matary do meu avô e investigador de polícia nas horas vagas. Um araque cargo que não existe mais na polícia civil. Homem severo com os filhos. Foi não foi, metia dúzias de bolos de palmatórias para amansar as feras.

Amante da música, do cinema e do teatro. Nos domingos e feriados, enquanto se barbeava com sua navalha ~~Solinger~~Solinger ou engraxava os sapatos, da família ouvia os discos de sua predileção no gramofone. Um móvel de madeira, um braço acústico, uma manivela para dar corda e uma corneta.

Minha mãe, Dona Rutinha para as amigas era uma mulher curiosa: baixa, magra, batida, um pouco corcunda, de cabelos curtos cortados a ~~la~~Garçone. Birilos e uma marfava nos cabelos para fazer a pastinha.

Penteado em que os cabelos eram puxados para o rosto.

Mulher nervosa, muito agitada, pouco afável, mas nunca bateu nos filhos. Não saía de casa para canto nenhum dizia. Não visitava nem o próprio pai, o velho Methódio Maranhão, vivendo quase ao seu lado.

Católica, apostólica romana, seu compromisso era com uma missa bem cedinho na Igreja da Penha. Arrastando meu irmão e eu ainda com a cara cheia de sono. As três irmãs: A saudosa Ligia, Yvone e Yvonete nos ensinavam os jogos da infância, a brincar de ciranda, carneirinho-carneirão, cabra cega e dançar %Fox-Trot+ ao som do piano na casa do meu avô, Netinha (Yvonete), a mais velha era a pianista, tocando música de ouvido.

Nem (Joviniano filho), o caçula, um ano mais moço do que eu e moleque igual a mim. Depois da morte precoce de papai, foi uma dedicação extremada com mamãe por último: Vevelha, rezadeira, mezinheira, vivia se arrastando pela casa com um raminho de manjerição, benzendo espinhela caída (inflamação do osso externo). No dia que refinava o açúcar para mamãe, era um verdadeiro reboição no casarão.

Liêdo, após formado vendeu seu consultório e foi para a Europa fazer estágio, onde ficou por três anos. Em Paris, estagiou quatro meses no Hospital *Dela Pitié*, morou no bairro *Quartier Latin*, o bairro dos estudantes, na rua de *La Sorbonne* ao lado da Universidade no mesmo nome.

Saiu de Paris para visitar a Espanha e passou dois anos, conheceu ao todo vinte e cinco cidades conforme dados fornecidos por ele mesmo no período viu muito a arte do povo espanhol como filmes espanhóis, espetáculos de canto e dança.

A tourada o fascinava, Liêdo assistia inclusive aos sábados os sorteios para os outros a tourada era aos domingos. Assistiu touradas com toureiros renomado, tais como: Aparicio, Litre, Luiz Miguel Domingum, entre outros. %Gostava dos bordeis da %Galle de La Reina+ as mulheres de calcinhas, sutiã, meias e sapatos altos atendendo as ordens da dona do bordel chamado-as para sala: - Niñas, Salon+ (SOUZA, 2011, p. 128).

Em Madri foi bolsista, bolsa esta cedida pelo Instituto de Cultura Hispânica, graças a seu amigo e ex-ministro da cultura Eduardo Portela na época fazendo curso de jornalismo naquela capital. Em Madri, o clima da época era de bares tranquilos, sem música de pessoas educadas tomando umas copitas.

Assistiu em Sevilha o I Congresso Hispânico Americano de Odontologia. Passou um

mês na Itália, mas achou pouco tempo. *“Seja o Papa, mas visite o partido comunista.”* (SOUZA, 2011, p.142). Quando chegou a Veneza deu logo de cara com uma manchete no jornal:

“Vargas, uma bala nel cuore!” (Souza, 2011, p.21) Vargas tinha se suicidado no Brasil.

Tocou num conjunto de estudantes universitário chamado *“La Tuna ou La estudantina”*. O Instituto de Cultura Hispânica patrocinava viagens para apresentações musicais em Ceuta, Tanger e Tetuam, todas no Marrocos (África).

Liêdo Maranhão residiu em uma residência para estudantes bolsistas em Madrid no colégio de Guadalupe segundo descreve ele: *“uma construção com 2 andares, espaçosa: com uma capela para missa aos domingos, refeitório, serviço de bar, barbearia, um auditório para eventos e nossa orquestra formada pelos colegiais de Guadalupe...”* (Souza, 2011,). As músicas tocadas pela orquestra eram: mambos, música brasileira: baião, cabeça inchada.

Liêdo viajou muito pela Europa, juntamente com um amigo cubano Pipo convidado por ele mesmo. Comprou mochila para carregar o necessário, um mapa das estradas (Atlas Routhier). Partiu da França da cidade de Perpignan para a cidade de Béziers, foram para o *“Albergue da Juventude”* uma organização fundada em 1911 pelo educador alemão Richard Sherhann hoje espalhado por mais de 50 países.

Oferece serviços baratos graças à subvenção do governo. Conheceu vários países como França, Alemanha, Bélgica, Holanda, Áustria, Itália, Dinamarca e Suécia. Inclusive o navio Almirante Saldanha que se encontrava ancorado em Estocolmo.

Voltando da Europa, Liêdo Maranhão no decorrer de sua vida, seja no campo intelectual seja no pessoal, destacou-se sempre pelo interesse pelo povo, assim, ele foi formando uma biblioteca própria, aparentemente eclética, mas convergindo sempre para o povo. O acervo é composto de material bibliográfico variado.

Com uma produção de um diário de 23 volumes e mais de 4000 páginas escritas, este trabalho lhe rendeu a produção de 12 livros. A intensa produção dos anos 70 e 80 sobre literatura rendeu livros como: *Classificação da Literatura de Cordel*, *O Folheto Popular: Sua Capa e Seus Ilustradores*. Livros fundamentados em pesquisas desenvolvidas ao longo dos anos, a partir de dados coletados da boca do povo.

Fundador junto com seu irmão Joviniano (Nem) da Escola de Samba Batutas de São José, realizou em 1968 o filme intitulado *O Folheto* onde ele conseguiu reunir poetas e tipógrafos como: José Bernardo, Juazeiro do Norte, Mestre Noza, também de Juazeiro do Norte; Dila, Caruaru, entre outros.

3 ARTISTA POR ACASO

Depoimento do próprio Liêdo Maranhão no livro Memórias de um Sacanólogo (2011)

Meu primeiro contato com arte foi uma exposição cubista de Picasso e Braque, em Paris, nos anos 50. Dose pra leão! Leigo, a falta de familiaridade com a arte, %As Senhoritas de Avignon+, aquelas cinco mulheres feias, %mal pintadas+, de Picasso, o quadro não me pareceu uma obra de arte. %O olhado faz o quadro+. Eu não sabia que era um movimento de oposição ao maneirismo e o figurativo dominantes na pintura. Comprei %As Artes+, de Van Loon e meti a cara no folhoso. Morando em Madrid consegui uma autorização para visitar os museus espanhóis, sem pagar entrada. E passei a frequentar quase diariamente, o %Museu del Prado+, uma das maiores coleções de pintura do mundo!

Eram pintores da minha preferência: Goya, Velazquez, El Greco, Ticiano e os primitivos flamengos. Na Itália, foi um verdadeiro banho de arte, com Leonardo da Vinci, Miguel Angelo e Fran Angélico.

De volta ao Brasil, com a cabeça cheia de ideias, comprou uma casinha em Olinda, onde a chamou de %Momartre do Recife+.

Em 65, participou do Atelier mais novo de Olinda, o %10+ com os pintores Anchises Azevedo, João Câmara, Vicente do rego Monteiro, Maria Carmem, Montez Magno, Jorge Tavares, Helena Farias e Vera, fazendo escultura de madeira. O nome mais %10+ foi uma brincadeira de Anchises com o grupo do pintor Adão Pinheiro, na Rua de São Bento, nº 154. O nosso, na Rua do Amparo, nº 164. Portanto, +10.

Em 77, obtive o 1º prêmio de escultura do XXX Salão Oficial de Arte com %O Fóssil+. E, em 80, o Arcebispo Dom Hélder Câmara, o Governador Marco Maciel, o Prefeito Gustavo Krause e Barreto Guimarães, prefeito de Olinda, inauguraram, na frente da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, o marco alusivo à visita do Papa João Paulo II ao Recife. Uma escultura de autoria de Liêdo.

Tio Ba (Bartolomeu) saudoso jornalista do Diário, na época, achando-me injustiçado, por não constar o meu nome no monumento do Papa, disse com muita graça:
Na escultura, tem duas placas e não puseram seu nome! Você é o artista e eles são-os-artistas. (ano, p.)

Em 94, por incrível que pareça, o Jornal do Commercio alertava os seus leitores:

A prefeitura do Recife, perdeu a escultura do artista plástico Liêdo Maranhão, instalada no pátio da Basílica de Nossa Senhora do Carmo, em comemoração a passagem do Papa João Paulo II pelo Recife, em julho de 1980.

4 MEMÓRIA DE FERRO : Exposição Ferro Nunca é Velho

No meio de grandes artistas viveu Liêdo sua infância, observando o trabalho destes grandes artistas, conviver o dia a dia, pois era o Bairro de São Jose onde era fixada a residência de Liêdo, daí nasce a vontade de juntar os ferros à memória, pois muitos deles com a Aço Norte e outras industrias muito material esta desaparecendo preservar criando formas, homenageando amigos, Olinda a cidade depois de Recife foi quem adotou Liêdo até seus últimos dias.

Memória de Ferro na apresentação da exposição João Câmara, artista renomado internacionalmente escreveu:

Suas peças são altares, ostensorios, estruturas simétricas propondo um tipo de ordem ou arrumação, melhor dizendo de memória de ferro de dobradiças, pinos, ferrolhos excêntricos e aldrabas. Tudo procura uma forma de sobrevivência.

As esculturas de Liêdo, são fixas soldadas, propondo sistemas de relações perenes oposição a à morte pela fragmentação, pela dispersão no nosso vazio brasileiro.

Daí que seu colecionismo, sua compulsão de gerar imagens ou constelações de ferro velho, esteja próxima de seu trabalho de campo de pesquisa na cultura popular, uma coleta de informações de dados mais operacional que sistemática, mais chegada ao próprio transe do material.

Algumas peças que reúne e fixa em suas esculturas são certamente itens de interesse museológico e alguém poderia até critica-lo por usá-las para fins meramente artístico.

Mas, ao mesmo tempo, em face à impugência e o vazio, não é esta a resposta e afirma encontrada por Liêdo para salva-las? Uma forma artística de transformação e interferência no vazio cultural, preenchendo-o com totens . memória . museus . esculturas, relicários de ferro da vida artesanal massacrada pelo duvidoso pecenvolvimentrismo positivista?.(Catalogo da exposição Ferro nunca é velho, 1979)

Três ferreiros portugueses, instalados no Recife com suas oficinas de ferraria, no inicio do século XX, são os responsáveis, pela boa formação da Escola Pernambucana de Ferreiro Forjado. Foram eles: Leandro da Silva Lemos, instalado na rua Marques Amorim; João Lesbão, no antigo Pátio do Carmo e o ferreiro Artuh Lima.

O ferreiro mais antigo do Recife, o pernambucano Carlos da Rocha Carvalho, conhecido como Carlos Mouco começou como ajudante de Leandro, tínhamos

também outros Zé Gordo, Zé Português... Outros viviam pelas usinas e pelos engenhos, consertando tachos e caldeiras, e cravando longaduras para construções de pontes, hoje construídas pelo concreto armado...

Hoje de fogos apagadas, o interior das oficinas é substituído pelo clarão dos eletrodos. E a fumaça da hulha ou carvão de pedra como era mais conhecido, seguindo até para curar coqueluche, com as donas de casa mandando as empregadas . hoje babás com seus filhos para o gasômetro na linha do trem, para respirar a fumaça saída das chaminés das velhas locomotivas da Great Western, queimando o carvão importado de sua majestade a Inglaterra.

Com o progresso e o desenvolvimento da indústria nacional, sem mais as ecomendas de ferralhos, aldramas, dobradiças, fechaduras, ferraduras para cavalos, arcos para roda de carroças, cravos para trilhos de bonde e de trem, os velhos ferreiros que encheram de beleza e elegância o Recife de outrora são substituídos por serralheiros e soldadores que nada entendem de ferro forjado. (Catálogo da exposição ferro nunca é velho, 1979)

5 LIÊDO: O Folheto Popular

Liêdo viu de perto a ascensão da literatura de cordel, entre as décadas de 40 e 60, que floresceu na Praça Dom Vital, ao lado do Mercado de São José, palco principal daquilo que viria ser a maior paixão de sua vida.

Com dedicação e um trabalho incansável, Liêdo Maranhão adquiriu grande quantidade de folhetos, a arte que entretinha o povo daquela época, fazendo-o amontoar-se em torno da Praça Dom Vital, para ouvir os poetas e cantadores, que através do cordel traziam a informação, o divertimento e a cultura, sobretudo aos que não sabiam ler, mas compravam os cordéis, mesmo sem saber ler por causa da gravura estampada na capa ou para que fossem lidos pelos compadres ou parentes no interior. Liêdo colecionou 3.395 exemplares de folhetos, com os assuntos mais variados. São eles: Conselhos, eras, Santidades, Acontecimentos, Fenômenos, profecias, pelejas, Lampião, padre Cícero, Frei Damião, Getulio Vargas, apresentados, por Liêdo Maranhão, além de xilogravuras, clichês e até uma prensa artesanal, da década de sessenta, construída por Chico de Paula, onde só foi produzido um folheto.

O cordel vivenciou seu apogeu partindo exatamente dali, do Bairro de São José, Recife, para ganhar extensão territorial, levantando nomes que fizeram fama e prosperaram economicamente. Dos que conheceram os áureos tempos, destacam-se, Leandro Gomes de Barros, paraibano, João Martins de Athaide, paraibano, Delarme Monteiro, José Bernardo da Silva, proprietário da tipografia Luzeiro do Norte, Juazeiro do Norte - Ceará, Rodolfo Coelho Cavalcanti, Salvador . Bahia, entre outros. A literatura de cordel rapidamente se espalhou pelas capitais e interiores, revelando, dentro da tradição popular, mais poetas e agregando mais admiradores do gênero.

A partir dos anos 60, o cordel entrou em declínio, a população já não tinha dinheiro sobrando para comprar folheto, e apesar da crise econômica, um dos fatores que também motivaram a queda da literatura de cordel, muitos possuíam televisão, os que não tinham se reuniam nas praças, onde uma TV substituíra os cordéis, os

poetas e cantadores, e ao invés das histórias cantadas, o povo passava a consumir novelas.

Foi no início dos anos 70 que o cordel voltou a ressurgir, não mais através do povo, mas de intelectuais, que preocupados com a manutenção das manifestações populares, conscientes de sua importância sociocultural no contexto da sociedade, resolvem produzir material com a finalidade de catalogar, difundir e incentivar. É dessa época, 1975 a 1985, a intensa produção de Liêdo Maranhão sobre o tema, a saber: *Classificação da Literatura de Cordel* e *O Folheto Popular: Sua Capa e Seus Ilustradores*, livros que fundamentados em pesquisas desenvolvidas ao longo dos anos, a partir de dados, que coletou da boca do povo, não só por Pernambuco mas por todo Nordeste.

Convido por próprio Ariano Suassuna, entre 1972 e 1974, Liêdo Maranhão passou a gerenciar um projeto que tomou forma pelas mãos de Suassuna, na época Diretor do Departamento de Extensão Cultural na UFPE e Secretário de Educação na prefeitura do Recife, com vistas ao resgate e fomento à literatura de cordel. O escritor Raimundo Carrero e a socióloga Lêda Alves, que juntamente com Liêdo e Suassuna, formavam a comissão selecionadora de histórias em cordel. A UFPE arcava com as despesas da editoração. Posteriormente, em 75, a prefeitura do Recife assumiu o projeto que com o título de *Prêmio Permanente da Literatura de Cordel*, inspirou várias universidades e centros de pesquisa, em paralelo aos frutos desse trabalho, produzidos por Suassuna e Liêdo Maranhão, nos programas de apoio à Literatura de Cordel da Universidade Federal de Pernambuco e Prefeitura da Cidade do Recife.

Em 80, por causa dessa iniciativa, surgem exposições de Literatura de Cordel, Xilogravuras, publicações e festivais de violeiros. Tudo com a finalidade de apoiar a Literatura de Cordel, sempre defendida por Liêdo Maranhão, que paralelamente a essas atividades, catalogava e organizava seu acervo no espaço que ele chamou de Casa da Memória Popular. Referência para acadêmicos, estudantes, cineastas, educadores e antropólogos entre outros, o espaço é uma riquíssima fonte de pesquisa, que influencia nossa sociedade até os dias atuais, apesar da banalidade

como é encarada, também hoje, pelas instituições educacionais.

6 MEDICINA POPULAR, a exposição

No Mercado de São José o espaço da Cultura Popular é resultado de uma parceria entre a Prefeitura da Cidade do Recife, e o Néctar para promoção do acesso a Cultura Popular por parte dos frequentadores do mercado, turistas e interessado através de exposições por artistas que retratam o espaço público e o Bairro de São José em suas obras.

O Nectar . Núcleo de Empreendimento em Ciência, Tecnologia e Artes é uma associação civil sem fins lucrativos, criado em 2001 por professores da Universidade de Pernambuco. A missão é %Contribuir para o desenvolvimento sócio econômico da região através da produção e gestão de empreendimentos inovadores da ciência, tecnologia e artes+. Em 2002 foi certificado como Organização Social Civil de interesse Público . OSCIP.

Liêdo Maranhão tem o privilégio de ter em sua própria residência a criação da Casa da Memória Popular, por ter ao longo de sua vida juntado todo esse material.

Material esse reunido ao longo de quarenta anos, reunindo um acervo significativo, na tentativa de preservar e devolver ao povo segmentos importantes da memória da arte e cultura nordestinas, num processo marcado pela sua convivência com populares e artistas do Mercado de São José em Recife.

Em suas pesquisas, Liêdo conseguiu coletar as mais diversificadas formando universo nordestino, além de folhetos de cordel, livros raros sobre medicina e culinária, que datam de fins do século XIX e do início do século XX, gravuras e pinturas de vários artistas populares.

Estimado em cerca de dez mil unidades, o acervo de Liêdo Maranhão vem inspirando uma programação de atividades expositivas, cuja temática é dedicada ao universo do Mercado de São José. Para a segunda exposição realizada no Espaço da Cultura Popular, Liêdo traz o tema: %Medicina Popular+, um novo tópico que será apresentado através de cartazes e livros. Com o início marcado para o dia 07 de

janeiro de 2008. Em busca de proporcionar ao público um maior conhecimento, traz uma exibição de livros raros como: Dicionário de Medicina Popular, Dr. Chernoviz, 1870; Tesouro Homeopathico, Dr. Sabino Pinho, 1883; Homeopathico da família, Dr. Bruckner, 1903. Obras preciosas da Medicina Popular. A II Mostra do Espaço promete divulgar interessantes peças relacionadas ao tema.

7 O ESCRIBA DO EXCLUÍDOS

Escritor com 12 livros publicados, Liêdo é elogiado pela crítica especializada e por intelectuais como Carlos Drummond de Andrade e Raymond Cantel. Um deles é Classificação Popular da Literatura de Cordel, livro que foi o resultado das pesquisas de Liêdo nas praças e mercados de cidades do Maranhão à Bahia.

Em suas pesquisas, Liêdo conseguiu coletar as mais diversificadas formas do universo nordestino, tais como folhetos de cordel, livros raros sobre medicina popular e culinária, que datam de fins do século XIX e início do século XX, gravuras e pinturas de vários artistas populares.

As palavras do próprio Liêdo expressam a importância do Mercado de São José para a população local e de visitantes: "Ele ainda é o mercado preferido do povo, da classe média baixa. Sobretudo, no período da quaresma. Mas, ele encanta outros segmentos pelo carisma que tem, pela sua beleza arquitetônica e pelos tipos populares".

O Mercado de São José é o mais antigo edifício pré-fabricado em ferro no Brasil, exportado da Europa para o Recife, no final do século XIX. Foi projetado pelo engenheiro da Câmara Municipal do Recife, J. Louis Lieuthier, em 1871, que se inspirou no Mercado de Grenelle, de Paris, e construído pelo engenheiro francês Louis Léger Vauthier responsável também pela construção do Teatro Santa Izabel.

O Mercado de São José foi inaugurado no dia 7 de setembro de 1875 e assim chamado por ter sido edificado no bairro de São José. Foi construído no mesmo local do antigo Largo da Ribeira do Peixe, onde eram comercializadas várias mercadorias para consumo da cidade do Recife.

Atualmente, com seus 46 pavilhões, 561 boxes cobertos e 80 compartimentos na sua área externa, além de 24 outros destinados a peixes, 12 a crustáceos e 80 para carnes e frutas, o Mercado de São José é um local onde se encontra o melhor do artesanato regional, comidas típicas, folhetos de cordel, ervas medicinais, artigos

para cultos afro-brasileiros, sendo também um importante centro de abastecimento do bairro de São José e um ponto de atração turística na cidade do Recife.

Livros publicados:

Título: Classificação Popular da Literatura de Cordel

Editora: Vozes

Ano: 1976

Título: O Mercado, sua Praça e a Cultura Popular do Nordeste

Editora: Prefeitura Do Recife

Ano: 1977

Título: O Povo, o Sexo e a Miséria ou o Homem é Sacana

Editora: Guararapes

Ano: 1980

Título: Folheto Popular, Sua Capa e Seus Ilustradores

Editora: Fundação Joaquim Nabuco

Ano: 1981

Título: Cozinha de Pobre

Editora: Edições Bagaço

Ano: 1982

Título: Que Só

Editora: sem editora

Ano: 1993

Título: Marketing dos Camelôs de remédio ou o mundo da camelotagem

Editora: CEPE

Ano: 2004

Título: A Fala do Povão, O Recife Cagado e Cuspido

Editora: Livro Rápido

Ano: 2004

Título: Catálogo da Casa da Memória Popular

Editora: Petrobrás Cultural

Ano: 2005/2006

Titulo: Retrato Lambe-Lambe

Editora: edições Bagaço

Ano: 2009

Título: Memória de um Sacanólogo

Editora: Coqueiro

Ano: 2011

Título: Classificação Popular da Literatura de Cordel . Que Só . Marketing Dos Camelôs de Remédio ou O Mundo da Camelotagem

Editora: CEPE

Ano: 2013

Título: Conselhos, Comidias e Rémedios para Levantar as Forças do Homem

Editora: Edições Bagaço

Ano: s/d

Título: O Porto e a Zona do Recife. Open City dos marines

Inédito

7 COM ELE VAI PARTE DA MEMÓRIA POPULAR DO RECIFE

No Natal de 2013 Liêdo Maranhão fraturou o fêmur depois de uma queda em sua residência. Recuperando-se da cirurgia sofreu no dia 10 de janeiro um acidente vascular cerebral. Passou quatro meses internado no Hospital Santa Terezinha e de alta para voltar para casa no dia 14 de maio de 2014 . *Cala-se %A fala das Ruas+* Assim começa o jornalista Bruno Albertim na edição do Jornal do Comercio . Caderno C do dia 15 de maio de 2014 o jornalista escreve: sobre o falecimento de Liêdo Maranhão:

A FALA DAS RUAS Um dos maiores pesquisadores da cultura popular do País, Liêdo Maranhão morreu aos 88 anos. Calou-se o último grande deles. Ontem às 5h30, quando parou de bater o coração de Liêdo Maranhão, silenciou-se a última voz que dava abrigo e memória à impagável oralidade do povo do Recife. %Com ele vai parte da Memória do Recife Assim começa o jornalista Bruno Albertim a sua matéria no Jornal do Comercio do dia 15 de Maio de 2014 (quinta-feira), no caderno C sobre o falecimento de Liêdo+. Liêdo morreu sem conseguir realizar seu maior sonho: transferir o acervo para uma Instituição que ele batizava de Casa da Memória Popular. (ALBERTIM, 2014)

A reportagem continua:

Liêdo Maranhão foi cremado no Memorial Guararapes no dia 15 de maio de 2014. Dentista de formação (na Espanha, onde viveu parte da juventude), etnógrafo 24 hors, antropólogo que nunca precisou da academia para respaldar seu ofício, e %acanólogo+ assumido, Liêdo publicou, algumas vezes com recursos próprios, onze livros em mais de 45 anos de pesquisa. Artista plástico, autor de esculturas de ferro, participou, ao lado de nomes como João Câmara, dos movimentos de arte nos anos 1970 na Ribeira, em Olinda. Várias obras de arte compõem o acervo de Liêdo Maranhão na casa de Bairro Novo- Olinda, em que viveu a maior parte da vida.

...Com mais de nove mil objetos, o acervo é composto sobretudo de livros, manuais de cultura popular, almanaques, folhetos, religiosos, cordéis, cartazes publicitários, pôsteres, revistas antigas, esculturas populares, objetos do dia a dia. Um acervo catalogado pela Universidade Federal de Pernambuco que conta, em si, a memória popular nordestina do século 21.

E não foram poucos os que iam à casa de Liêdo em busca de informações e inspiração sobre peculiaridades do povo nordestino.

Embaixador do Mercado de São José, onde encontrava grande parte dos personagens descritos e transcritos em seus livros, Liêdo %Quando vejo que a conversa é boa, chego perto e escuto tudo, se der, me meto. Depois volto pra casa repetindo tudo isso na cabeça+, disse, numa de suas últimas entrevistas. %O Recife sem o Mercado de São José seria como um piano sem teclado+, dizia.

Interessado em futebol, religião e safadeza ou seja, tudo o que o povo

gosta. Liêdo publicou títulos como: O Recife cagado e cuspidor, A fala do povão e Retrato lambe-lambe. Neles, apresentava comerciantes, transeuntes, cartomantes, bêbados, prostitutas e personagens das ruas do Recife+.

Um de seus últimos livros foi Cozinha de pobre. %Não é o mesmo que cozinha típica, é cozinha de pobre mesmo, feita com o que se tem. É como café de soldado e pirão de pinto+, disse ele.

%Liêdo sempre foi identificado no nosso mundo acadêmico cultural como um pesquisador de cordel. Ele tinha uma coleção de cordel maravilhosa e todo mundo vibrava com isso. Nós, acadêmicos intelectuais, da Universidade, a gente colocava ele como desse grupo do nacional popular, interessado em manter essas tradições culturais. Mas descobri que era uma visão simplificada e talvez preconceituosa. Quando vi essa exposição belíssima de cartão postais, de selos, eu senti que ele, além de gostar do nacional popular, das raízes, gostava também da cultura internacional, que foi isso que sempre defendi, nós, eternos tropicalistas, que o nacional popular não é algo fechado, mas que tem que dialogar. Ele conseguiu fazer esse diálogo, acabar com nossa mente preconceituosa, conservadorista.+

Jomard Muniz de Britto, poeta e cineasta na matéria citada escreve o seguinte:

Conheço Liêdo, bote aí, uns 50 anos. Foi através da arte e de gosto comum. Eu gostava muito e gosto muito também de arte popular e de folhetos, literatura de cordel, de coisas que ele também gostava, como livros antigos, cartilhas antigas que foram da nossa infância. Ele também tinha um gosto com gráfica antiga, tem até uma impressora feita totalmente de madeira. Ele vivia catando essas coisas. No fundo, um grande amor ao Recife, a Pernambuco. Era isso que movia a pesquisa dele. Ele tinha origem de família rica, importante e tinha um verdadeiro horror a isso. O orgulho dele era conhecer essas pessoas que não são ninguém e ele mostrava que era gente, que toda vida tem a mesma importância, é grande e merece o maior respeito, inclusive com sua própria ideologia. O rico materialmente não é o mesmo que o rico de conhecimentos.

José Cláudio, pintor deixa sãs impressões:

Escrevendo Cozinha de pobre, um dia Liêdo me perguntou se eu fazia omelete de mamão verde e eu nunca tinha nem ouvido falar. Achei a fruta no mercado, raspei. Temperei como se fosse carne moída. Quando ficou pronto, coloquei pra ele provar e ele me respondeu fazendo careta: Dá pra comer.

Valdemir da Silva Lira (Miro), dono da Barraca do Miro, 68 anos no mercado, relata o seguinte:

Conhecia o escritor há mais de 40 anos e era seu amigo há mais de 20. %Ontem, fui no hospital e lembrei dele quando falaram sobre minha dieta. Quando fui atendido, disse rindo pra doutora: 'Olhe, isso vai me lembrar uma piada de Liêdo: Esse pobre coitado aí, todo lascado, chegava lá no médico e dizia: - Doutor, tem que fazer alguma dieta?' E ele respondia: 'Olhe, lagosta, caviar, queijo do reino e bacalhau, nem tocar!' Era assim, as piadas dele. Carmem Miranda não levou o samba pros Estados Unidos? Liêdo foi um precursor, quando ainda era menino, um jovem estudando

odontologia. Ele levou o frevo para a europa. Esteve na Espanha, França, Portugal... e percorreu isso tudinho tocando pandeiro!+

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Liêdo Maranhão, amante do Recife e do bairro onde nasceu e cresceu , convivendo lado a lado com a gente que circulava pelas ruas e entorno do Mercado, mesmo depois de casado, quando foi morar em Olinda, Liêdo não deixou de frequentar São José um único dia de sua vida. Fotografou pessoas, anotou diálogos, recolheu amostras *in loco* das mãos do povo, e sempre foi defensor da cultura popular. Assim, viu de perto a ascensão da literatura de cordel, entre as décadas de 40 e 60, que floresceu na Praça Dom Vital, ao lado do Mercado de São José, palco principal daquilo que viria ser a maior paixão de sua vida.

Liêdo Maranhão deixou-nos um legado ainda por muito explorar, dada a sua magnitude, garantindo material físico para investigação e elaboração de textos históricos e literários sobre a sociedade nordestina do passado e toda sua produção cultural. Dessa forma delimitamos uma fatia desse acervo a ser investigado, para pontuar o valor da contribuição de Liêdo, enquanto colecionador e escritor/ensaísta da literatura de cordel e pesquisador.

Liêdo tem o privilégio de ter em sua própria residência criado a Casa da Memória Popular, local onde ao longo de sua vida juntou todo esse material.

Material esse reunido ao longo de quarenta anos, reunindo um acervo significativo, na tentativa de preservar e devolver ao povo segmentos importantes da memória da arte e cultura nordestinas, num processo marcado pela sua convivência com populares e artistas do Mercado de São José em Recife.

Em suas pesquisas, Liêdo conseguiu coletar as mais diversificadas formas do universo nordestino, além de folhetos de cordel, livros raros sobre medicina e culinária, que datam de fins do século XIX e do início do século XX, gravuras de vários artistas populares e pinturas de artistas pernambucanos.

Estimado em cerca de 14 mil unidades o acervo de Liêdo que vem inspirando uma programação de atividades expositivas. Mostrar a fundamental contribuição de

coleccionador e pesquisador através de sua obra e seu acervo.

É fundamental para a cultura popular disponibilizar o material na web através de blog, resgatando interesse do público pela literatura popular nordestina.

Liêdo deixou-nos ainda muito por explorar.

REFERÊNCIAS

ALBERTIM, Bruno. **Liêdo**: o homem do povo, Jornal do Commercio, /recife, 15 de maio, 2015.

CATÁLOGO Exposição Ferro Nunca é Velho. Recife: Museu do Homem do Nordeste, 1979.

LYRAS, Maraia do Carmo Pontes. **Bibliografia da Correspondência Enviada a Liêdo Maranhão pelos Poetas Populares**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1992.

MARANHÃO, Paulo Frederico Lôbo. **A Família Maranhão**: do Chunhaú a Matary. Recife: comunigraf, 2001

OBRAS RARAS e Valiosas da Biblioteca Faculdade de Direito do Recife: repertório bibliográfico dos séculos XVIII ao XX . Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. **Classificação Popular da Literatura de cordel**. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. **Folheto Popular, Sua Capa e Seus Ilustradores**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1981.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. **O Mercado, sua Praça ea Cultura Popular do Nordeste**. Recife: Prefeitura Municipal do Recife, 1977.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. **Memória de um Sacanólogo**. Recife: Editora Coqueiro, 2011.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. **Catálogo da Casa da Memória Popular**. Projeto Petrobras Cultural, 2005/2006.

ANEXOS



Fonte: José, João



Liêdo Maranhão de Souza *03/07/1925 +14/05/2014

Fonte: